

Carências prejudicam pacientes especiais

As filas por um fígado no Distrito Federal se desfizeram depois que o HBB deixou de fazer transplantes do órgão, há dois anos. Nenhum dos 850 pacientes renais que aguardam a vez foram atendidos em 2004: até quinta-feira, não havia na rede pública kits que avaliam a compatibilidade sangüínea, essenciais para o procedimento. Esse é o quadro pintado por associações de defesa de pacientes cuja vida depende de um transplante, operação que só o HBB pode executar. Não é do atendimento do HBB que os pacientes reclamam. Chegam até a exaltar a qualificação de seu corpo médico. Queixam-se com fervor da falta de estrutura do hospital. Por exemplo: não há como confirmar suspeitas de doenças hepáticas porque não há kits em estoque. O tratamento de hepatite C, com duração de um ano, corre risco constante de ser interrompido por falta de remédios.

– Se o paciente faz um exame patológico, tem de levar a agulha – protesta Epaminondas Campos, coordenador geral do Grupo de Apoio a Portadores de Hepatites Crônicas (Grupo C). Para efetuar transplantes renais, o HBB teria de reequipar a central de captação e o laboratório e melhorar o acompanhamento pós-transplante. Alguns medicamentos que mantêm o paciente vivo depois da operação estão em falta.

– Ano passado, um paciente foi retirado da sala de cirurgia porque não havia anestésico – conta Regina da Costa, vice-presidente da Associação dos Renais de Brasília (Arebra).